

Obrigada pela sua visita

No início, passa-se um tempo real. Uma mulher entra num jardim que transborda de cor. Não tem memória, apenas uma intensa curiosidade. Aproxima-se do homem. Ele não mostra curiosidade. Está parado em frente a uma árvore. Dentro da árvore há uma palavra que se transforma num nome. Ele recebe o nome de todas as coisas vivas. Em sintonia com o presente, não tem ambições nem sonhos. A mulher alcança-o, fascinada pelo mistério contido das sensações que dela extravasam.

Fechei o caderno e sentei-me no café a pensar no tempo real. Será um tempo ininterrupto?¹

Há uma altura em que as imagens me visitam mais nítidas do que hologramas, antes de se dissiparem. Posso tentar trocar-lhes as voltas, fingir ignorá-las como factos mentais de realidade primordial lúcida ou, pelo contrário, enganosa. Figuras sem convite, acabam por impor uma fisicalidade qualquer, presença. E não há abstração ou experimentação que lhes valha para desviar nexos que procuram forma. Mesmo que troque a sombra pela luz, a esquerda pela direita, mulheres por homens e pássaros ou vice-versa, até nos gestos aparecem histórias. O jeito é deixar que se materializem no presente onde devoram o tempo todo, antes e depois.

Então, quando os pés se desprendem da terra, o jogo não é o deste mundo, embora este ali pare em levitação numa amálgama informe de coisas à escolha. Nomear é, nessa altura, uma hipótese, para descobrir rumos em tal coreografia aérea.

Contudo, Tereu e Evélpides ou Melanie, Pedro o Louco ou Struwwelpeter, nomes como esses comprovam, afinal, que o problema das palavras, tantas e tão ricas, é serem insuficientes para compreender e aceitar a insensatez e loucura, paixão, mera desrazão ou ainda a sabedoria funda dos humanos animais e, sobretudo, o lastro que deixam. No seu parco verbo e frágil e patética simplicidade, Gelsomina habita uma dimensão paralela do tempo e, na impossibilidade de integrar a violência e as consequências inaceitáveis da duração fugaz e do devir, converte-a no presente, no seu presente, que habita e por que morre. Pedro e Marianne, ou outros como eles, desfazem o passado na sua incessante passagem por coisas, identidades e caprichos, conflitos, fugas, momentos de tréguas, lugares distintos. É como uma janela de comboio e relógios sem ponteiros, diz ainda Patty Smith.

Caminhos curtos ou longos, tantas e turvas são as estradas, enroladas em curvas e rotundas, sem mapas de papel ou satélite que as mostrem antecipadamente. Por isso e sem narrativas coerentes a fazer jus à sua necessidade, quando subitamente as imagens invadem o meu campo de visão dou por mim a contornar um anterior momento sobre a tela, poética corpórea da matéria que acaba por, como disse Dali de Rose Hobart, roubar-me os sonhos se descuidada. Assim, é deixar-me ir. E nessa vertigem de aparições e ecos musicais, interessam menos as referências da iconografia de tal casa assombrada. Sem culpa nem inocência, é como se não houvesse amanhã quando se materializam em tinta aguada, espessa ou gasosa como o génio da lamparina, a cor a fluir e com ela imagens que fazem fluir mais tinta e cores que fazem acontecer mais, até tudo se suspender e entrar de novo em letargia quando a realidade desautoriza esse mundo.

O que se vê, contra corrente que seja, é preciso. Sortilégio da sombra, implica outra fidelidade profunda da pintura, escancarada para além de si como um mata-borrão de fantasmas num tempo arduo: um presente que condensa no corpo físico da tela, no aqui e agora a que o seu espaço parece condená-la, uma duração que envolve a memória e a adivinhação da imagem evanescente. Afinal, quando o tempo assim se dilata, haverá presente absoluto que não integre diferentes extratos de real, realidades, imaginação, história e futuro?

Por isso ecoo a sensibilidade do poeta que escreve “Obrigado pela sua visita, volte sempre”²: pelo privilégio das imagens. E, se ele fala de pessoas que enlouquecem para poderem viver, “porque a vida é assim mesmo”³, no meu caso não se preocupe com a verdade (ou consequência) do que aparece. As imagens são suas. Fique à vontade. E, como diz o mesmo poeta⁴, “Volte sempre. Obrigado.”

Isabel Sabino

Natural de Lisboa, 1955. Formada em Artes Plásticas-Pintura (ESBAL, 1978); estágio pedagógico do MEC (1979); dout. (ESBAL/FBAUL, equip. 1992); agregação (ULisboa, 1999). Professora de educação visual (básico-secundário público 1976-1982) e de Belas Artes (ESBAL/FBAUL Universidade de Lisboa, desde 1982, atualmente professora catedrática). Membro de: Centro de investigação Cieba (FBAUL), ANBA (Academia Nacional de Belas Artes), i2ads (FBAUP), Sociedade Nacional de Belas Artes e Cooperativa Diferença.

Exposições desde 1977 | Seleção recente

Individuais – Obrigada pela sua visita (2022, Galeria Arte Periférica, Lisboa); sobreTela (2021, G. Diferença, Lisboa); Isabel Sabino (2021, Abreu Advogados, Lisboa); Lido com ela (2019, G. Municipal Artur Bual, Amadora); Ela (2019, SNBA, Lisboa); Four seasons, please! (2019, G. Arte Periférica, Lisboa); A menina (não) fica em casa (2016, Museu Militar, Lisboa); Na volta da maré (2016, Galeria Municipal do Montijo); E os rios nascem no mar (2015, Lugar do Desenho/Fundação Júlio Resende); Talvez bombons (2014, G. Arte Periférica, Lisboa).

Coletivas – Solução (2022, Galerie Weise, Chemnitz, Alemanha); Drawing Room (2022, Galeria Arte Periférica, Madrid); Azul (2021, Biblioteca da FCT-UNova, Almada); Múltiplos Edições Carpe Diem (2021); Artfem, International Biennial of Macau (2020, Macau); Com o batón nos dentes (Galeria Municipal do Montijo, 2020); JustMadrid (2020, Madrid, com G. Arte Periférica); JustLx (2019, Lisboa, com G. Arte Periférica); Belas Artes da Academia. Hoje. (2019, Museu do Dinheiro, Lisboa); Diálogos Iberos (2016, Galeria da UFES, Vitória, Brasil); ArteMadrid (com G. Arte Periférica, Madrid, 2017 e 2018); A possible breeze. Portuguese Modern Art (2017, Minsheng Museum of Contemporary Art, Beijing, China); Belas Artes da Academia. Uma coleção desconhecida (2018, Centro Cultural de Cascais); We Are Europe (2018, Lodz Academy of Fine Arts, Poland); Belas Artes da Academia. Uma coleção desconhecida. Galeria de Pintura do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, 2017; De braços abertos: A sala de Ruth. Ruth's room. Casa das Artes, Tavira, 2015.

Mais informação

sobre o trabalho artístico <http://umbrapicturae.blogspot.pt>
e textos <https://orcid.org/0000-0002-9514-5952> <https://www.cienciavita.pt/AD10-DE48-BFC5>



Quem é este pássaro?, 2022

Técnica mista de acrílicos sobre tela, 60x60cm

arteperiférica

GALERIA

ISABEL
SABINO

Obrigada pela sua visita

2 de julho de 4 de agosto de 2022



Capa: Volte sempre, 2022 — Acrílicos sobre tela, 150x180cm

¹ Patty Smith, M. Train. Quetzal Editores, Lisboa, 2016, p. 97.

² Bernardo Pinto de Almeida, “Obrigado”. Em Ciência das Sombras, Relógio d’Água, Lisboa, 2018, p. 128-129.

³ Idem.

⁴ Ibidem.



Centro Cultural de Belém, Lojas 5-6 1449-003 Lisboa

Telef: +351 213 617 100

ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt

Todos os dias das 10h às 20h



Welcome, 2022
Acrílicos sobre tela, 152x112cm



Currupaco, 2022
Acrílicos sobre tela, 152x112cm



Por una cabeza, 2022
Acrílicos sobre tela, 152x112cm